



PRPG | Pré-Reitoria de Pós-Graduação
PIBIC/CNPq/UFCA-2009

REVITALIZAÇÃO CULTURAL POTIGUARA: ETNICIDADE E TURISMO

Anaíra Souto Camilo¹, Rodrigo de Azeredo Grunewald²

RESUMO

O projeto Revitalização Cultural Potiguara: Etnicidade e Turismo pretende avançar estudos sobre os variados caminhos que os processos de criação cultural pode assumir entre populações indígenas do nordeste do Brasil, com pesquisa realizada entre o povo indígena Potiguara, habitante do litoral norte da Paraíba, que, assim como outras populações indígenas, voltam o processo de revitalização cultural para o fortalecimento de sua identidade, na exibição dos seus elementos de cultura em arenas diversas (inclusive turísticas, na exposição comercial como formas de sustentabilidade para as suas famílias). Coube analisar suas dinâmicas de rearranjo cultural recentemente produzidos com a finalidade de simbolizar a etnia ou promover um etnodesenvolvimento, uma vez que, através da tradição do toré, os Potiguara expressam emblematicamente, ao mesmo tempo, a cultura, a etnicidade e a religião do seu povo. Desse modo, refletir sobre o toré é importante, principalmente, quando se trata de um fator complexo que representa a indianidade. Esse estudo teve, portanto, o objetivo de buscar quais os múltiplos sentidos que o toré adquire, como ele é percebido pelos Potiguara, e qual a sua maior expressão.

Palavras-chave: Identidade étnica, Cultura, Toré, Índios, Potiguara, Nordeste

POTIGUARA CULTURAL REVITALIZATION: ETHNICITY AND TOURISM

ABSTRACT

The project Potiguara Cultural Revitalization: Ethnicity and Tourism aims to advance studies on the diverse pathways that the cultural creation processes can assume among indigenous peoples in Northeast Brazil. Specifically, the research was developed among the Potiguara people which lives at north coastal of Paraíba and that, as others Indian peoples, retrieve their culture in order to consolidate their identity exposing their cultural elements in several arenas. An analysis of their dynamics of cultural rearrangement recently produced to symbolize the ethnic group or promote its development was made, once that, through toré tradition, the Potiguara expresses diacritically, at the same time, the culture, the ethnicity and the religion of their people. Thus, reflect about toré is important, mainly, if we realize that it is a complex factor that represents the indianess. This work had the main goal to discovery which are the multiples meanings that toré assumes, in how this tradition is understood by Potiguara, and finally, what is its most expression.

Keywords: ethnic identity, culture, toré, Indians, Potiguara, Northeastern Brazil

¹ Aluna do curso de Ciências Sociais, UFCA, Campina Grande, PB, E-mail: souto.anaira@gmail.com

² Antropólogo, Prof. Doutor, Depto. de Ciências Sociais, UFCA, Campina Grande, PB, E-mail: rgrunewald@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O toré é a expressão mais significativa da etnicidade, da cultura e da religiosidade dos povos indígenas no Nordeste. Conjunto ritual composto por música, dança e contato com os antepassados e outros seres espirituais através de transe mediúnico, é difundido por todo Nordeste. Apesar da vasta área de abrangência, cada grupo étnico possui um toré próprio e singular, mas que permite o diálogo e a troca de experiências entre os membros de grupos distintos (Palitot e Souza Júnior, 2005).

Tradição comum à maioria dos grupos indígenas do nordeste do Brasil, o toré tem sido reatualizado nos processos de emergências étnicas e de fortalecimento das etnicidades da maioria dos grupos indígenas, estando presente em suas esferas política, na medida em que sempre que há manifestações políticas destes grupos o toré é levado a efeito; religiosa, sendo também um ritual para a maioria destes grupos indígenas; e uma brincadeira, quando se entende o toré como um festejo. Tal reatualização se dá em várias esferas para além das áreas indígenas, como formas de representação cultural, bem como no sentido de alternativa econômica em arenas turísticas.

Diante deste fato, a questão colocada para a pesquisa PIBIC realizada durante o período de 2008/2009 seria entender como o toré potiguara se atualiza entre este grupo indígena na medida em que ele tem vários caminhos de atualização prática, destacando, pois, as posições e opiniões dos próprios indígenas. Através de uma perspectiva sincrônica, destacamos as suas formas e conteúdos atuais e os seus contextos de realização, em diferentes situações de observação.

De início, procuramos estudar a questão da revitalização cultural através da atividade turística entre os Potiguara como uma nova atividade capaz de gerar etnicidades orientadas para o turismo, uma vez que o foco da visitação turística está na procura pelo diferente, pelo exótico, pelo outro. A atividade do turismo étnico resulta, em certos grupos étnicos, no reforço de suas tradições em arenas turísticas, uma vez que, exibindo seus sinais diacríticos, mostrando-se exóticos, fazem-se nativos para os turistas e se tornam atrativos no mercado turístico. (GRÜNEWALD, 2003)

Nosso objetivo inicial nesta pesquisa era perceber se havia uma relação entre turismo e etnicidade entre os potiguara, já que o toré tem múltiplos significados entre os Potiguara. A partir dos estudos sobre turismo étnico realizados por Grünewald (2001), buscamos encontrar entre eles atividades turísticas que gerassem algum tipo de renda, ou de criação de fronteiras étnicas. Porém, percebemos que o turismo é uma esfera que tem pouca significação para o povo Potiguara porque não faz parte da perspectiva do grupo como um todo, mas de poucas pessoas que exercem tal atividade.

Coube, portanto, investigar em que áreas exatamente ele se atualiza. Perceber, pois, qual a sua amplitude, em que âmbitos sociais ocorre; se é no âmbito cultural, político, religioso, turístico; como ele se realiza, os locais onde se realiza, como ele é incrementado, quais os motivos de sua realização. Todos estes motivos foram objetivos perseguidos durante a investigação etnográfica. Portanto, entre o povo potiguara notas-se a relevância desta tradição ritual, o que faz deste tema um assunto relevante para a investigação antropológica. Na medida em que o toré é a marca da indianidade deste grupo, quando eles se mostram índios através desta tradição, reforçando sua etnicidade, tornou-se importante, portanto, investigar o toré entre os Potiguara.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Para dar conta da pesquisa que se propunha, tomamos por suporte conceitos teóricos e instrumentos metodológicos próprios à antropologia para dar conta dos estudos acerca do toré Potiguara. Metodologicamente, procurei conjugar survey com observação participante, seguindo as considerações de Malinowski (1978) e Aguiar (1978), visitas com entrevistas semi-estruturadas e conversas informais estas anotadas em caderno de campo, além da utilização do gravador e máquina fotográfica. Foram realizadas entrevistas e conversas tanto com índios que realizam o toré, como também com pesquisadores e pessoas não necessariamente ligadas ao toré, mas que têm contato com a área, a fim de entender melhor o seu contexto de atualização.

As entrevistas semi-estruturadas contaram com perguntas delineadas pelo tema proposto, como meio de coletar as informações necessárias à pesquisa, de modo a suscitar reflexões norteadoras. Foram coletados também dados junto à Secretaria de Turismo do município, além da pesquisa bibliográfica.

Os Potiguara são um grupo indígena do nordeste do Brasil, situados nos municípios de Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação, no litoral norte do estado da Paraíba. Com uma população em média de 7.856 mil habitantes, distribue-se em torno de 12 aldeias conhecidas por estes municípios. Dentre estas aldeias, destacam-se a Aldeia Forte, Galego, São Francisco, Akajutibiró, Marcação, Vila São Miguel, Monte-Mor e Três Rios. (Fonte: Secretaria de Turismo da Baía da Traição)

A aldeia do Forte, situada na Baía da Traição, onde se localiza o Posto Indígena, é a aldeia de mais fácil acesso devido ao fato de que ela está encostada na parte central da Baía da Traição. Dela segue-se a Aldeia Galego, caminho para a Aldeia São Francisco, a mais antiga, e também a maior, estando mais distante da parte central da cidade.

Os primeiros registros científicos do toré Potiguara foram citados sem muita densidade nos trabalhos de Frans Moonen, em sua obra *Etnohistória dos índios Potiguara* (MOONEN & MAIA, 1992). Através de uma visão pessimista, ele descreveu o toré como o único elemento que ainda lembrava a sua ascendência indígena, executada em comemorações nacionais ou festas folclóricas.

Moonen não dá maior importância ao processo de valorização do toré entre os Potiguara, principalmente no que diz respeito à sua função enquanto demarcador de fronteiras étnicas e atestado público de indianidade (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005).

Minha primeira ida à Baía da Traição ocorreu no dia 13 de novembro de 2008, sob o acompanhamento do professor e orientador Rodrigo Grünewald, com o intuito de buscar compreender de que modo os Potiguara vem reativando sua cultura por meio das novas feições que o mesmo vem tomando, e se esses novos processos estão relacionados com a exibição cultural em arenas turísticas, criando portanto, uma nova forma de sustentabilidade e/ou de etnodesenvolvimento. Em conversas informais e entrevistas, pudemos perceber que, ao longo dos anos, os Potiguara vêm atualizando o seu toré, principalmente enquanto inseridos no movimento indígena do nordeste.

Tal movimento constitui o quadro atual em que os Potiguara passaram a repensar a sua interação com a sociedade envolvente e, neste processo, a sua própria cultura, decidindo-se firmemente na elaboração de projetos coletivos que resgatem as suas tradições (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005: p. 204). Este movimento é um pouco recente entre eles, e é perceptível em vários fatores: na dança, nas músicas, nos toques:

As músicas são provenientes não só de um acervo tradicional da memória coletiva, como de composições mais recentes realizadas por alguns Potiguara, o que incluem também algumas traduções para o Tupi. As músicas do toré são consideradas como um poderoso meio de se entrar em contato com antepassados, cada uma possui o seu dono, não mais vivo e que tem a faculdade de atraí-los para perto de quem está cantando. (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005, p. 199)

No que diz respeito ao turismo, procuramos alguém conhecido por realizar tal atividade entre os Potiguara, e descobrimos seu Tonho, da aldeia Galego, o qual foi citado por várias pessoas com quem conversei no dia anterior por receber grupos de turistas interessados em conhecer a cultura potiguara e o toré. Seu Tonho se orgulha por ser índio e pajé, e agradece sempre o espaço que tem para receber grupos de pessoas interessadas no toré e em seu artesanato.

A atividade turística desenvolvida por ele visa manter a sustentabilidade de sua família. Segundo ele, desde 2004 recebe grupos de pessoas em sua oca, mas que só a partir de 2005 seu trabalho deu uma melhorada; é durante o veraneio e carnaval que o movimento é freqüente, onde ele recebe a todos e diz que as pessoas geralmente ligam antes para saber se tem novidades, para marcarem um dia para a visita.

Seu trabalho é esse: não envolve apenas a apresentação do toré e a venda de artesanato, mas também serve um almoço com galinha de capoeira, camarão, peixe. Seu Tonho diz que poucas pessoas vão conhecer o artesanato e toré Potiguara, sendo na maioria delas surfistas, dos quais ele cobra uma taxa de R\$ 2,00 como forma de organizar o seu espaço, uma vez que geralmente os surfistas são baderneiros; o surfista tem que pagar, mas pro turista a passagem é livre, eles pagam apenas o almoço.

Seu Tonho também aceita levar o grupo pra dançar toré onde são convidados, mas cobra por isso. Para ele, muitas pessoas ficam interessadas em ir visitar o seu espaço porque o seu trabalho é bem visto, devido ao bom tratamento dado os turistas. Ele recebe encomendas de artesanato e diz saber aproveitar o dinheiro que ganha.

A atividade turística exercida por seu Tonho é reconhecida entre os funcionários da Secretaria de Turismo da Baía da Traição. Todos sabem que seu Tonho recebia grupos de pessoas de vez em quando, e que não cobrava pela atividade. Mas, segundo eles, ultimamente o número de turistas a fim de conhecer a cultura indígena diminuiu, aumentando sempre na época de veraneio e carnaval. Eles vêm de bugre, a maioria vem de Natal, alguns sendo contatos de seu Tonho com bugueiros da praia de Pipa, assim como também com o pessoal da Rogertur, mas nada oficial.



Seu Tonho de Cosmo. Foto: Anaíra Souto.

Situando-se dentro do contexto do grupo Potiguara, Silva (2004: p. 50) salientou que o turismo étnico é algo muito novo para os Potiguara, pois a pouco “eles começaram a perceber que estavam atraindo um número cada vez maior de visitantes, ano após ano, e começaram a se preparar no intuito de equipar suas tradições para a exibição desse. O toré aparece na arena turística como um marcador étnico, de poder coletivizador e religioso capaz de mobilizar, e o povo como representante de um autêntico modo de vida pensado nas implicações econômicas e políticas para o grupo inteiro.

Apesar do que foi levantado por Silva sobre o turismo étnico entre os Potiguara, temos visto que tal atividade ainda não se desenvolveu por completo, pois apenas poucas pessoas realizam tal atividade, como é o caso de seu Tonho de Cosmo. O turismo étnico ainda não é um objetivo muito difundido entre os potiguara.

De acordo com as entrevistas, percebemos que os índios se orgulham do seu toré, e sempre se remetem a ele como a maior força expressiva de etnicidade, uma vez que esta constrói fronteiras étnicas (BARTH, 1969) através da exibição de sinais diacríticos elaborados pelos índios a fim de confirmarem a sua existência diferencial no quadro geral da sociedade regional. Tais sinais diacríticos são sinais distintivos, que, escolhidos ou inventados, tem como função afirmar a identidade distinta de um grupo e contrastá-lo com os demais.

O toré, quando resgatado como sinal diacrítico da etnicidade Potiguara, ou até mesmo demarcador de sua identidade, faz com que haja a necessidade de mobilizar elementos de cultura para a demarcação de suas fronteiras étnicas. Segundo Vieira (1999: p. 45), deve-se levar em conta o fato de que os próprios índios se sentem cobrados quanto ao “resgate” de sua cultura indígena.

Ainda no que diz respeito a questão da etnicidade, existem entre os Potiguara processos de dispersão da identidade contidas no campo da religiosidade (MAGALHÃES, 2004), sendo preciso descobrir em que situações emergem e persistem as fronteiras étnicas, a fim de pensar de que maneira as diferentes práticas de religiosidade interferem na performance étnica dos atores sociais. Nessa perspectiva, as diferenças religiosas são acionadas a todo o momento para enfatizar fronteiras simbólicas que não se vinculam às tradições indígenas.

Mas, entre os Potiguara, o toré se realiza dentre várias formas de manifestação, sejam elas culturais, políticas ou religiosas, vinculadas à Igreja Católica, dentre elas nas festas de santos, como é o caso da Virgem de Guadalupe, padroeira dos índios da aldeia Forte, e São Miguel. Durante a novena de Nossa Senhora de Guadalupe, realizada no mês de dezembro, percebemos a devoção católica aos santos padroeiros e o forte sentido religioso que o toré carrega. O toré acaba se constituindo como uma celebração cristã de uma indianidade que jamais se esqueceu dos seus antepassados das matas (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005: p. 196)

Tivemos a oportunidade de presenciar a manifestação religiosa em comemoração ao dia de Guadalupe, durante uma novena dedicada a ela; a missa fora celebrada por um padre, que segundo informações de Jaqueline Ciríaco, índia que me acompanhou no trabalho de campo, também é índio.

No altar, se encontravam a imagem da Nossa Senhora de Guadalupe enfeitada com cocar e maracá, e alguns índios com suas vestimentas e seus instrumentos. Segundo informações, os cânticos eram músicas do toré e os índios que ali estavam cantavam e tocavam seus instrumentos. Na hora da comunhão, um índio fez a oração do Pai Nosso em tupi, e logo em seguida todos rezaram em português. Após a comunhão, o padre celebrou Nossa Senhora de Guadalupe e se despediu convidando a todos para assistir o toré que se realizaria no pátio ao lado da Igreja.

O toré foi dançado pelos índios que participavam da missa e também por outros que vinham chegando depois. O ambiente estava pouco iluminado; os índios dançavam em círculos, onde os homens se colocavam no meio, sendo arroteados pelas mulheres e crianças. Percebemos, aqui, um toré com sentido mais religioso.

Esta relação entre o catolicismo e o toré existe desde a presença da catequese nos aldeamentos; a igreja, que tentava reelaborar culturalmente os índios, através da catequização, “abriu portas para que os índios introduzissem dentro da igreja suas próprias práticas espirituais disfarçadas enquanto celebrações aos santos padroeiros” (Ibid, p. 196a)



Celebração religiosa à Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira dos Índios. Ao fundo, Índios Potiguara cantavam músicas do toré. Foto: Jaqueline Ciríaco.

Os dados colhidos em campo mostram o que os autores outrora trataram sobre a questão étnica: os Potiguara, em absoluto, referem-se ao toré como uma dança, uma brincadeira, um ritual que faz parte de suas vidas, abrangendo tudo, devido a sua ação política capaz de criar um pertencimento étnico. Segundo Palitot (2005: p. 173), nas últimas décadas, o toré Potiguara foi transfigurado em performance paradigmática da etnicidade pelos grupos indígenas da região.

De acordo com Palitot, originalmente, o toré seria uma prática ancestral de contato com os antepassados e os seres protetores da natureza, uma forma de homenagear os santos padroeiros, a união e a alegria dos índios. O toré representa aquilo de mais precioso na cultura potiguara (Ibid: p. 174a)

Durante muitos anos o toré esteve desarticulado entre os índios, sendo apenas apresentado em datas oficiais como uma brincadeira folclórica. Foi retomado no período de luta pela demarcação das terras Potiguaras entre os anos de 1978 e 1983 (MOONEN & MAIA, 1992). Segundo consta, é a partir deste momento de movimentos indígenas que os índios começam a incrementar o seu toré, constituindo seus trajes que hoje utilizam em rituais de ação política.

De acordo com Oliveira, o toré é fundamental nas questões de territorializações, uma vez que o usam como sinal diacrítico para restabelecer suas diferenças e seus territórios. O ritual do toré permite a todos os atores presentes nessa situação interétnica os sinais diacríticos de uma indianidade peculiar aos índios do nordeste. “O toré difundiu-se por todas as áreas e se tornou uma instituição unificadora e comum. Trata-se de um ritual político, protagonizado sempre que é necessário demarcar as fronteiras entre ‘índios’ e ‘brancos’” (OLIVEIRA, 1999: p. 26)

Entre os Potiguara, mais especificamente na Aldeia Forte, foi criada a *Associação Toré Forte*, que vem reativando sua cultura por meio das novas feições que o mesmo vem tomando, a partir destes novos processos de resgate da indianidade potiguara. Buscamos, de certa forma, saber se este toré se relaciona

com a exibição cultural em arenas turísticas, criando, portanto, uma nova forma de sustentabilidade e/ou de etnodesenvolvimento.

Não obtivemos muita informação a cerca desta associação, mas o que se sabe é que ela é recente e vem tomando força no cenário político étnico. O Toré Forte não visa o lucro com a atividade turística, engajando-se apenas no resgate da cultura potiguara. Nas visitas de campo, soubemos da existência de um grupo formado por jovens índios que se reúnem para discutir uma gama de assuntos relativos a ações políticas juvenis do povo indígena, a Organização de Jovens Índios Potiguara (OJIP).

Além de retirar os jovens índios da ociosidade, o grupo faz com que eles debatam temas importantes para o social da comunidade, tendo como um dos assuntos mais polêmicos a questão da religiosidade, visto que, para alguns jovens, o Toré profana determinadas religiões. De acordo com estes jovens, o trabalho que se propõem a fazer é desmistificar tal idéia, mobilizando os jovens aos diálogos, evitando que estes abandonem o Toré, tão importante para a construção da identidade indígena.

A partir das conversas com os representantes da OJIP, pudemos analisar um pouco a visão dos jovens sobre a sua própria cultura, e qual o objetivo da criação uma associação de jovens. Procuramos sempre focar a questão do Toré, qual o seu significado para os índios, e percebemos que para os Potiguara o Toré faz parte de suas vidas, abrange tudo, devido a sua ação política de formar uma etnicidade.

Através de uma etnografia realizada no dia do índio, pudemos perceber as marcas e características do toré potiguara. Atualmente, o toré é realizado ao som de bombos, maracás e flautas, sendo os homens instrumentistas situados no centro do círculo, envoltos por um círculo composto por crianças e de outro ainda maior por mulheres. Os instrumentistas, a priori, são as principais lideranças das aldeias, como os pajés e caciques. Todos puxam as músicas, balançam seus maracás e dançam em sentido anti-horário.

Logo no início do ritual, eles param por um momento, pedem silêncio para reflexão, e relembram sua etnicidade, a luta para garantir suas terras como eram antigamente. Geralmente, o toré dançado em ações políticas, como neste caso o toré no dia do índio, têm exibição pública, com o intuito de demarcar as fronteiras étnicas entre os índios e as agências oficiais com quem se relacionam (FUNAI, órgãos de governo) (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005).

Os discursos são feitos pelos índios mais influentes das aldeias, como os mais antigos, ou lideranças. O ambiente é defumado a todo o momento, com gengibre, canela e alecrim. Quando há presença de parcerias indígenas de outras aldeias, o cacique desta é convidado a discursar, geralmente dando apoio aos Potiguara, formando alianças na luta pelo direito dos índios. Enfatizam sempre que as lutas dos índios não podem acabar, lembrando lideranças importantes que já se foram, reforçando a cultura potiguara e sua importância. Percebemos, portanto, uma grande importância da etnicidade entre os potiguara.

Assim como fora explicitado por Palitot, no início do toré, tem-se o seguinte:

Após os discursos, todos os índios se ajoelham e em silêncio fazem suas orações, entregando-se a proteção de Deus e dos seus antepassados. Essas orações devem ser feitas em silêncio, podendo ser um Pai Nosso, uma Ave Maria, ou simplesmente uma concentração do pensamento em alguma idéia ou pessoa. Este momento dura em torno de um minuto e finda-se quando o cacique sacode o seu maracá e os zabumbeiros rufam nos bombos. (PALITOT, 2005: p. 175)



Início do toré; todos ajoelhados, fazendo orações. À margem, várias pessoas assistiam. Foto: Anaíra Souto.

A coreografia da dança não segue um padrão; como passos básicos, eles giram sempre em sentido anti-horário, como se estivessem em uma caminhada, de forma leve e compassada dando uma leve agachada ritmada, batendo os pés no chão. Há um determinado momento em que “cada pessoa vira-se para um seu vizinho e, fazendo uma flexão com o tronco, o cumprimenta, voltando-se imediatamente para o outro lado e cumprimentando o outro vizinho da mesma forma, e daí repetindo o movimento (PALITOT, 2005: p. 176). Percebemos também que, em uma certa música, eles dançam imitando pássaros, gesticulando como se tivessem asas.

Os Potiguara se vestem com saias e cocares, se pintam com genipapo e carregam seus maracás nas mãos, e algumas participantes do Toré Forte usam uma camisa que representa o mesmo. São feitas muitas comemorações em várias aldeias, antes e durante o dia do índio, sendo constante a presença de índios de outras aldeias dando apoio ao toré que iria se realizar em determinado local, e vice versa. Todos esses pequenos movimentos localizados em cada aldeia constituem o quadro atual em que os Potiguara passaram a repensar a sua própria cultura e a sua interação com a sociedade envolvente, resgatando cada vez mais as suas tradições.

O toré do dia do índio é realizado na maior e mais antiga aldeia potiguara: A aldeia São Francisco. Esta é uma aldeia bem distante, e lá chegamos às 9h40, visto que o toré havia sido marcado para as 9 horas da manhã. Lá se encontravam muitos alunos da Universidade Federal da Paraíba – Campus Rio Tinto, de diversos cursos, e também representantes políticos da FUNAI e do governo do Estado.

Segundo Palitot,

A festa do Dia do Índio é o momento privilegiado para a construção das alianças políticas, tanto externas como internas ao grupo, e também o vetor de separação entre as facções políticas e grupos de interesse. O importante é que essa data não pode deixar de ser festejada, principalmente como atualização das relações entre os Potiguara e a sociedade mais geral, momento onde se diferenciam enquanto grupo étnico portador de uma especificidade cultural e sujeitos políticos numa relação que, a depender do interlocutor, pode ser de dependência, clientelismo, patronagem, barganha ou oposição. (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005: p. 205-6)

O lugar no qual se realizou o toré do Dia do Índio era bastante amplo, cercado por barraquinhas de artesanato e de lanches (comidas típicas indígenas, tais como tapioca, macaxeira). Os índios aproveitam este acontecimento para vender brincos, colares, cocares, maracás. Às 12h30 os índios seguiram pela estrada de terra, com cartazes, imagem da Virgem de Guadalupe, tocando seus instrumentos, numa grande marcha.

Ao chegarem ao local, se dirigiram às furnas, (PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, 2005) pequenas formações no terreno, envoltas por histórias de perseguições aos índios, que usavam as saliências como esconderijo. Várias pessoas de fora estavam presentes neste toré, e acompanharam os índios até as furnas. Lá, os mais velhos e lideranças entraram na pedra e, utilizando o defumador, cantaram e rezaram. De acordo com as músicas, as suas letras refletem a experiência vivida na luta pela terra e valorizam o ser indígena, associando-o à natureza e atributos positivos.



Chegada dos Potiguara ao local onde o toré se realizou o toré do Dia do Índio, na aldeia São Francisco. Foto: Anaíra Souto.



Furnas próximas à arena da Aldeia São Francisco. Foto: Anaíra Souto

Assim como fora retratado por Palitot e Souza Júnior, o toré inicia-se com as seguintes músicas:

1ª música:

*Quem pintou a louça fina
Foi a Flor da Maravilha
Pai e Filho e Espírito Santo
Filho da Virgem Maria*

2ª música:

*Eu estava em minha casa
E me mandaram me chamar:
No dia de Santo Rei,
Na casa de João Pascal.*

3ª música:

*O sol entra pela porta,
E a lua pelo oitão.
Viva o dono da casa
Com suas obrigação.*

A ordem de execução das músicas influe na capacidade de se estabelecer o contato com os ancestrais indígenas de maneira adequada (Ibid: p. 200b), abrindo e fechando os canais de comunicação nas horas certas, de forma que não cause desordem no contato entre os dois mundos, além de serem também uma forma de saudação aos presentes, anunciando a chegada do grupo e o respeito mútuo que deve haver entre aqueles que dançam e os que assistem.

A todo momento as pessoas fotografavam, filmavam, observavam. Havia muita gente. Após saírem das furnas, eles se dirigiram ao local de execução do toré. Lá chegando havia uma grande cruz de madeira bem no meio, onde os índios giraram em volta dela, agachando-se, logo após. Neste momento, chega o cacique Aníbal, que sofrera um atentado semanas antes e ainda estava se recuperando dos dois tiros que sofrera, um no pulmão e outro no maxilar.

Esta cena foi emocionante. Ele estava com uma proteção no pescoço, visivelmente debilitado, mas ficou em pé durante um certo tempo, segurando na cruz, recebendo orações pedindo saúde para ele. O toré do dia do índio, neste caso, teve um sentido bem distinto dos outros: todos os índios rezavam e pediam pela saúde de um parente, que sobrevivera a um atentado, julgando o fato dele estar vivo como um milagre de Deus.



Cacique Aníbal, que sofrera atentado, recebe orações dos seus amigos.
Foto: Anaíra Souto



Vista aérea do toré no Dia do Índio. Foto: Anaíra Souto

Estevão Palitot, que também estava presente nesta comemoração, informou que um índio havia incorporado um caboclo, e percebia-se que seu rosto estava visivelmente mudado. Palitot afirmou nunca ter visto isso no toré Potiguara, pois não era comum entre o ritual deles. Dentro da roda, mas do outro lado onde está Aníbal, se encontrava também o índio potiguara mais velho, seu Severino Fernandes, cacique da Aldeia São Francisco.



Seu Severino Fernandes, no centro. Potiguara mais velho. Foto: Anaíra Souto.

Sempre pedindo silêncio, os índios mais velhos (alguns deles) bebem jurema em uma tampa de garrafa pet, o que não é muito comum acontecer entre os Potiguara, visto que eles afirmam não usar jurema em seus rituais, não reconhecendo nenhuma aproximação histórica entre o seu toré e os cultos da jurema, pejorativamente denominados de catimbó (Ibid: p. 203c). Ao longo do ritual, acontece outra incorporação: desta vez, uma jovem, que já é conhecida por incorporar, segundo Palitot, que não estava participando do ritual porque estava com medo, e por isso nem tinha levado suas vestimentas. Entre eles, esta jovem é mal vista, e chamada de catimbozeira, macumbeira, pelo fato de sempre incorporar.

A incorporação é uma das características peculiares do toré, uma vez que são as incorporações, os contatos mediúnicos com os antepassados indígenas que caracterizam o toré e o diferencia do coco e da ciranda. "O toré é invocado como expressão do ser indígena, patrimônio espiritual exclusivo dos Potiguara,

em oposição ao coco e a ciranda (...) que são compartilhados por índios e não-índios, não constituindo elementos diferenciadores de identidades e direitos.” (Ibid: p. 202d).

O toré já estava chegando ao fim, quando Palitot relatou que os Potiguara criaram novas coreografias, estão reinventando o seu toré. Pegaram músicas e danças do Xucurú (as músicas devido a cds dados a eles por Estevão) e recriaram. Percebeu-se, pois, que os Potiguara estavam em um processo de reconstrução de suas manifestações espirituais mediúnicas, mas até então não era sabido que o nível deste processo estava tão acelerado e público.

Além disso, soubemos que aquele toré teve um sentido diferente; o propósito dele tinha um sentido muito importante, porque todos estavam orando para a saúde do cacique Aníbal, e, portanto, a sua realização teve este sentido em especial. Essas informações mudam todo o contexto do sentido do toré, uma vez que, em sua grande maioria de acontecimentos o toré do Dia do Índio sempre tem uma função política, pudemos presenciar outro sentido dado ao toré, totalmente diferente do conhecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do exposto nesta pesquisa etnográfica nota-se uma forte tendência política ritual junto ao toré. Percebemos que a esfera ritual e a esfera política se entremeiam, mesmo sendo considerado por muitos uma esfera iminente religiosa, espiritual, esta não deixa de ter uma força política. Em relação à atividade turística, nota-se que ela é uma atividade individual desenvolvida por poucos índios, ou seja, não é uma iniciativa de desenvolvimento por parte do grupo.

Entre os Potiguara, as ações presenciadas no toré revelam uma pluralidade de situações e uma multiplicidade de significados. Assim como outrora foi discutido por Palitot & Souza Jr (2005), todos os símbolos atribuídos pelos índios ao toré vão de encontro a questão das atualizações históricas do sentimento de pertença étnica e de pertencimento a um grupo e um território específico

O que chama a atenção no toré é a sua forte expressão da etnicidade do grupo, pois é neste momento que eles se unem como índios para a realização de uma tradição própria deles. Embora tendo múltiplos aspectos, o toré é, na realidade, uma síntese política, religiosa, espiritual, uma manifestação da alma indígena. O ritual do toré, entre outras questões, objetiva a cultura a partir dos sinais diacríticos responsáveis por estabelecer a diferença.

AGRADECIMENTOS

A UFCG-CNPq pela bolsa de Iniciação Científica, pela oportunidade de desenvolver a presente pesquisa.

Ao Professor Dr. Rodrigo Grünewald, pela orientação no âmbito da pesquisa.

A Estevão Palitot e Martinho Tota, pelos conselhos e ajudas durante a pesquisa de campo.

A Jaqueline Ciríaco, Tanielson e aos demais índios Potiguara, pela hospitalidade e atenção que tiveram conosco e com a nossa pesquisa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Observação participante e survey: uma experiência de conjugação**, in: NUNES, Edson. *A aventura sociológica. A aventura sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1978

BARTH, Fredrik. Introduction. In: BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries**. London: George Allen and Unwin, 1969, p. 9-38.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e Etnicidade. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, outubro de 2003.

MAGALHÃES, Eloi dos Santos. **Tupi or not Tupi: Religiosidade e Processos de Atribuição Étnica na Comunidade Indígena Potiguara**. Monografia. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande. 2004.

MOONEN, Franz. “Os Índios Potiguara da Paraíba”. In: MOONEN, F. e MAIA, LUCIANO M. (Orgs.) **Etnohistória dos Índios Potiguara**. João Pessoa, Procuradoria da República na Paraíba / Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1992.

OLIVEIRA, J. P. de. (org.) **A Viagem da Volta. Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste indígena.** RJ: Contra Capa, 1999.

PALITOT, Estevão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mor: História, Etnicidade e Cultura.** Dissertação de Mestrado. PPGS (UFPB-UFCG).

PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, F. B. 2005 “Todos os Pássaros do Céu: O Toré Potiguara”. In: GRÜNEWALD, R. (Org.) **Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste.** Recife, Massangana.

SILVA, Roosevelt H. 2004. **Potyguara: Turismo e Etnicidade.** Monografia de Graduação em Ciências Sociais (Antropologia). DAS / CH / UFCG.

VIEIRA, José Glebson. **O Regime dos Índios “Misturados”. O processo de (re)construção da identidade étnica indígena Potiguara.** Campina Grande. Monografia. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba. 1999.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUIAR, Neuma. Observação participante e survey: uma experiência de conjugação. In: NUNES, Edson. **A aventura sociológica. A aventura sociológica.** Petrópolis: Vozes, 1978

AMORIM, Paulo Marcos. **Índios Camponeses: Os Potiguara da Baía da Traição.** Dissertação de Mestrado. PPGAS/ MN/ UFRJ, 1970.

BARTH, Fredrik. Introduction. In: BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries.** London: George Allen and Unwin, 1969, p. 9-38.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região.** In: O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989a. p. 107-132.

_____. **Espaço social e gênese de “classes”.** In: O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989b. p. 133-161.

CUNHA, M. C. da. **Antropologia do Brasil.** (Páginas 97-119) São Paulo, Brasiliense, 1987 (2ª edição) (1986).

GALVÃO, Eduardo. **Índios e Brancos no Brasil.** Encontro de Sociedades. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas.** São Paulo: Global, 1987. p. 227-344.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e Etnicidade. In: **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, outubro de 2003.

MAGALHÃES, Eloi dos Santos. **Tupi or not Tupi: Religiosidade e Processos de Atribuição Étnica na Comunidade Indígena Potiguara.** Monografia. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande. 2004.

MOONEN, Franz. “Os Índios Potiguara da Paraíba”. In: MOONEN, F. e MAIA, LUCIANO M. (Orgs.) **Etnohistória dos Índios Potiguara.** João Pessoa, Procuradoria da República na Paraíba / Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1992.

OLIVEIRA, J. P. ‘**O Nosso Governo**’: **Os Ticuna e o Regime Tutelar.** São Paulo, Marco Zero / CNPq, 1988.

OLIVEIRA, J. P. de. (org.) **A Viagem da Volta. Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste indígena.** RJ: Contra Capa, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999b. "Uma Etnologia dos 'Índios Misturados'? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais" In: **A Viagem da Volta. Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena**. Rio de Janeiro, Contra Capa.

OLIVEIRA, R. Cardoso de. **O Índio e o Mundo dos Brancos**. Editora UnB/Pioneira, 1981 (1964).

PALITOT, Estevão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mor: História, Etnicidade e Cultura**. Dissertação de Mestrado. PPGS (UFPB-UFCG).

PALITOT, E. & SOUZA JÚNIOR, F. B. 2005 "Todos os Pássaros do Céu: O Toré Potiguara". In: GRÜNEWALD, R. (Org.) **Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste**. Recife, Massangana.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teoria da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização**. Petrópolis, Vozes 1982 (4ª edição) (1977).

SEYFERTH, G. "Grupo Étnico". In: **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, FGV, 1987 (2ª Edição).

SILVA, Roosevelt H. 2004. **Potyguara: Turismo e Etnicidade**. Monografia de Graduação em Ciências Sociais (Antropologia). DAS / CH / UFCG.

VIEIRA, José Glebson. **O Regime dos Índios "Misturados". O processo de (re)construção da identidade étnica indígena Potiguara**. Campina Grande. Monografia. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba. 1999.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB, 1991. v. 1, p. 267-277.